

JÚLIO PAULO TAVARES ZABATIERO

MANUAL DE CONFECÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

São Paulo
2007

JÚLIO PAULO TAVARES ZABATIERO

MANUAL DE CONFECÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Manual de Confeção de Trabalhos Acadêmicos da
Faculdade de Teologia Metodista Livre.

São Paulo
2007

INTRODUÇÃO

A confecção de trabalhos acadêmicos tem duas grandes dimensões: (1) o estudo e pesquisa para a produção do saber que será comunicado por escrito, e (2) a editoração do trabalho propriamente dito (que pode ser uma resenha, uma monografia, um ensaio, etc.). Na disciplina de Metodologia da Pesquisa estudamos as características principais do estudo e da pesquisa no campo da Teologia. Por meio deste Manual, definiremos as normas para a editoração dos trabalhos. A editoração de trabalhos acadêmicos é normatizada pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), e este Manual aplica as normas da ABNT para o contexto específico da educação teológica de nível superior..

- Procure, desde o início da escrita de um trabalho acadêmico, *seguir as normas deste Manual*. Não deixe isso para depois. A editoração é geralmente desprezada pelo estudante e a consequência é que no futuro muitas horas são gastas para adequar o trabalho às normas.
- Ao iniciar a digitação de seu trabalho, você deve *configurar* o documento do seu processador de texto de acordo com as normas aqui estabelecidas.
- Mantenha o Manual à mão sempre que você estiver digitando. Consulte-o constantemente para que você não cometa erros de editoração.

A existência de normas visa: (1) padronizar o formato de apresentação da produção acadêmica, de modo que a circulação e interpretação de trabalhos acadêmicos seja facilitada; (2) contribuir para a disciplina necessária para o estudo e pesquisa; e (3) estimular o debate intelectual com honestidade e ética acadêmicas, reconhecendo a contribuição da “bibliografia” para a produção individual do saber.

I. O FORMATO

Cada trabalho acadêmico, quer seja uma *resenha*, uma *monografia*, ou o *trabalho de conclusão de curso* (normalmente é uma Monografia), deve seguir o formato padronizado. Neste capítulo exponho as normas relativas aos três grandes componentes formais de um trabalho acadêmico: (1) as questões da frente ou preliminares; (2) o texto em si ou o corpo; (3) as questões de trás ou referências.

1. As Questões da Frente ou Preliminares

1.1 Capa

A Capa deve conter:

- Nome do autor (maiúsculas, centralizado, 3 cm da margem superior)
- Título do trabalho (maiúsculas, negrito, centralizado e no meio da folha)
- Cidade e ano de conclusão do trabalho (Minúsculas, 2 cm acima da margem inferior)

Nota: Ver um modelo de Capa no *Anexo 1*

1.2. Folha de Rosto

A Folha de Rosto deve conter:

- As mesmas informações contidas na Capa, acrescidas das informações essenciais sobre a origem do trabalho.
- Essas informações mudarão de acordo com o objetivo e natureza do trabalho.

Exemplos:

Para Monografia:

Monografia apresentada em cumprimento às exigências da disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica do curso de Bacharel em Teologia da Faculdade de Teologia Metodista Livre, ministrada pelo Prof. Carlos Shigueru Aoki.

Para Trabalho de Conclusão do Curso:

Monografia apresentada em cumprimento às exigências do curso de Bacharel em Teologia da Faculdade de Teologia Metodista Livre, sob a orientação do Prof. Carlos Shigueru Aoki.

Para Resenha:

Resenha apresentada em cumprimento às exigências da disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica do curso de Bacharel em Teologia da Faculdade de Teologia Metodista Livre, sob a orientação do Prof. Carlos Shigueru Aoki.

Nota: Ver um modelo de Folha de Rosto no *Anexo 2*

1.3. Dedicatória

Esta página é opcional. Se optar por ela, use breves sentenças. Não inclua a Dedicatória no Sumário.

Nota: Ver um modelo de Dedicatória no *Anexo 3*.

1.4. Agradecimentos

Esta página é opcional. Se optar por ela, use breves sentenças para expressar sua gratidão em relação às pessoas que colaboraram em seu trabalho, curso e vida. Não inclua os Agradecimentos no Sumário.

Nota: Ver um modelo de Agradecimentos no *Anexo 4*.

1.5. Resumo (em trabalhos de pós-graduação também se pede o resumo em inglês, chamando, então, de Abstract)

O Resumo deve indicar ao leitor o conteúdo e as partes principais da monografia, devendo conter no mínimo 200 e no máximo 300 palavras.

Nota: Ver um modelo de Resumo no *Anexo 5*.

1.6. Sumário

O sumário deve apresentar os títulos e subtítulos das divisões da Monografia, bem como a numeração das páginas. Os títulos dos capítulos devem ser todos em maiúsculas e os subtítulos em minúsculas. Note que é necessário colocar os títulos e subtítulos abaixo da primeira letra.

Nota: Ver um modelo de Sumário no *Anexo 6*.

1.7. Lista das Tabelas

Na Lista das Tabelas você deverá colocar todas as tabelas utilizadas no trabalho, com seus respectivos títulos (que devem ser exatamente os mesmos utilizados no corpo do trabalho), indicando a página onde se encontra. A Lista das Tabelas deve ser colocada logo em seguida do Sumário.

Nota: Ver um modelo de Lista das Tabelas no *Anexo 7*.

1.8. Lista das Figuras

Na Lista das Figuras você deverá colocar todas as figuras utilizadas no trabalho, com seus respectivos títulos (que devem ser exatamente os mesmos utilizados no corpo do trabalho), indicando a página onde ela se encontra. A Lista das Figuras deve ser colocada logo em seguida da Lista das Tabelas.

Nota: Ver um modelo de Lista das Figuras no *Anexo 7*.

1.9. Lista dos Mapas

Na Lista dos Mapas você deverá colocar todos os mapas utilizados no trabalho, com seus respectivos títulos (que devem ser exatamente os mesmos utilizados no corpo do trabalho), indicando a página onde ele se encontra. A Lista dos Mapas deve ser colocada logo em seguida da Lista das Figuras.

Nota: Ver um modelo de Lista dos Mapas no *Anexo 7*.

Nota: Não se aplicam a uma Resenha os itens 1.5 a 1.9.

2. O Texto ou o Corpo do Trabalho

O Texto, ou o Corpo do Trabalho, inclui a parte escrita do seu trabalho. Aqui você encontrará os detalhes referentes a:

- Tamanho do Papel
- Fonte
- Margens
- Espaçamento
- Numeração da Página
- Linguagem não discriminatória
- Abreviaturas dos Livros da Bíblia
- Uso de Títulos e Subtítulos
- Uso de Citações

2.1. Tamanho do Papel

O tamanho do papel deve ser A4 – 210 x 297 mm. Cor do papel: branco, a não ser que você use papel ecologicamente reciclado.

2.2. Fonte

A fonte deve ser Arial, tamanho 11.

2.3. Margens

A formatação das margens deve obedecer aos seguintes critérios:

- Margem superior: 3 cm

- Margem inferior: 2 cm
- Margem direita: 2 cm
- Margem esquerda: 3 cm

Nota: Todo parágrafo deve estar a 1,5 cm da margem esquerda. Para isso, formate o parágrafo do seu processador de texto para que ele faça isso automaticamente.

2.4. Espaçamento

O espaçamento entre linhas deve ser 1,5 (conforme o padrão dos processadores de texto como MS Word; Open Office Writer, Word Perfect).

2.5. Numeração da Página

Todas as páginas são contadas a partir da Folha de Rosto, *mas nem todas são numeradas*. A numeração deve ser em algarismos arábicos (ex.: 1, 2, 3, etc).

A primeira página a ser numerada é a segunda página da INTRODUÇÃO. As páginas iniciais de cada título não são numeradas (embora sejam contadas).

2.6. Linguagem não discriminatória

Recomenda-se uma atitude não-discriminatória quanto à linguagem. A linguagem não-discriminatória é o reconhecimento de que não apoiamos preconceitos raciais e relações de inferioridade/superioridade entre os gêneros. Alguns exemplos:

Não Use	Sugestões para o Uso
Deus ama o <i>homem</i> ...	Deus ama a <i>humanidade</i> , o <i>ser humano</i> , a <i>pessoa</i> ...ou ainda, <i>o homem e a mulher</i> ...
Terceiro Mundo	Mundo dos Dois Terços
Os alunos	Os alunos e as alunas
Irmãos	Irmãos e irmãs

2.7. Uso de *Itálico*, **Negrito** ou Sublinhado

Geralmente o uso de *itálico*, **negrito** ou sublinhado é para dar ênfase. Não é recomendável o uso indiscriminado da ênfase – deve se deixar ao leitor ou leitora a tarefa interpretativa. Entretanto, se você preferir enfatizar, use o *itálico*.

2.8. Abreviaturas dos Livros da Bíblia

Gn 1:1-3	Jó	Hc	Fp
Êx	Sl	Sf	Cl
Lv	Pv 3:1-4:5	Hg	1 Ts
Nm	Ec	Zc	2 Ts
Dt	Ct	Ml	1 Tm
Js	Is		2 Tm
Jz	Jr		Tt 2:1, 5
Rt	Lm	Mt	Fm
1 Sm	Ez	Mc 6:2; 7:1	Hb

2 Sm	Dn	Lc	Tg
1 Rs	Os	Jo	1 Pe
2 Rs	Jl	At	2 Pe
1 Cr	Am	Rm	1 Jo
2 Cr	Ob	1 Co	2 Jo
Ed	Jn	2 Co	3 Jo
Ne	Mq	Gl	Jd
Et	Na	Ef	Ap

Notas:

1. Não use ponto depois da abreviação do nome do livro. O correto é: Mt 4:1
2. Não use algarismo romano para os livros. O correto é: 1 Co
3. Se você está se referindo a uma determinada passagem da Bíblia no *corpo* do texto, *não* abrevie. Exemplo: Em Marcos 1:9-11 o batismo de Jesus é narrado.
4. Outra opção é usar a forma abreviada entre parênteses. Exemplo: Marcos narra o batismo de Jesus (Mc 1:9-11).

2.9. Novos Capítulos, Títulos e Subtítulos

Os *títulos* e os *subtítulos* devem obedecer a uma seqüência progressiva de numeração.
Exemplo:

1. O Batismo de Jesus em Marcos

1.1. O Batismo na Tradição Judaica

1.1.1. Lavagem Cerimonial

1.1.1.1. Rituais oficiais

1.1.1.2. Rituais dos essênios

2. O Batismo e a Identidade de Jesus

2.1. A Filialdade Fiel de Jesus

2.1.1. Filialdade

2.1.1.1. Filho Único

2.1.1.2. Filho Fiel

3. A identidade de Jesus e a Identidade da Igreja

3.1. A Identidade Messiânica da Igreja

3.1.1. Messianidade como Missão

3.1.1.1. Missão e seguimento de Jesus

3.1.1.2. Missão e contexto

Notas:

1. Observe que são usados *pontos* e não hífens.
2. Ver um modelo de Capítulo, Títulos e Subtítulos no *Anexo 8*.

2.9.1. Novos Capítulos/Títulos

Para cada novo capítulo deve-se iniciar uma nova página. O título do capítulo deve estar em maiúsculas, centralizado e em negrito.

Nota: Use sempre a mesma fonte (Arial) e o mesmo tamanho (sempre 11).

2.9.2. Subtítulos

Os subtítulos primários também devem estar em negrito, porém localizados no recuo de parágrafo, obedecendo à ordem de numeração.

A partir dos subtítulos secundários, não use mais negrito e sim itálico.

Nota: **Não altere a fonte** nem o seu corpo (sempre Arial 11) para os subtítulos. É necessário colocar um espaço entre o texto e o próximo título.

3. As Questões de Trás ou Referências

Em um trabalho acadêmico, o diálogo com a produção científica é indispensável. Também é indispensável que esse diálogo seja apresentado de forma explícita no trabalho. Reconhecer a contribuição de outras pessoas e indicá-la adequadamente é o papel das referências. De acordo com as normas da ABNT, os principais tipos de referência são:

3.1. Livros

- Autor (ou coordenador, organizador, editor): Escreve-se o último sobrenome do autor em maiúsculas e, a seguir, o restante do nome, que pode vir por extenso ou abreviado, separado por vírgulas.
- Título: o título deve ser realçado em itálico, sendo somente a primeira letra em maiúscula.
- Subtítulo: o subtítulo é facultativo, mas quando colocado, sem itálico, separado do título por dois pontos, tudo em minúsculas.
- Número da edição (a partir da segunda edição): não se usa o sinal de decimal (^a). Note que existe um ponto depois do número da edição. Ex.: 2. ed.
- Local da publicação: É o nome da *cidade* onde a obra foi editada e, após a referência de local devem ser grafados dois pontos (:). Não se coloca estado ou país.
- Editora: Só se coloca o nome da editora. Exemplo: Ática.
- Ano da publicação: Quando a obra não informar o ano de publicação, deve-se usar a abreviação s.d. (sem data). Após o ano da publicação deve-se usar ponto final.
- Número de volumes: caso houver, use da seguinte forma: 2 v. (para indicar que a obra possui dois volumes), ou V. 2 (para indicar que você está se referindo apenas ao segundo volume da obra).
- Paginação: quantidade de páginas da obra (facultativo).
- Nome da série, número da publicação na série (entre parênteses).

Observações:

1. Todas as referências devem ser em espaço simples.
2. Um espaço simples deve separar os diversos campos de uma referência.
3. Em textos avulsos são usadas as seguintes abreviaturas: Org. ou Orgs.: organizador(es), Ed. Ou Eds.: editor(es), Coord. ou Coords.: coordenador(es).

3.1.1. Autor pessoa física

LIMA, A. F. S. O. *Pré-escola e alfabetização: uma proposta baseada em Paulo Freire e Jean Piaget*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

JAPIASSU, H. F. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

3.1.2. Até três autores

COSTA, M. A. B.; JACCOUD, V. & COSTA, B. *MEB: uma história de muitos*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. *Metodologia científica*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

3.1.3. Mais de três autores

OLIVEIRA, A. S. et al. *Introdução ao pensamento filosófico*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1985.

RICHARDSON, R. J. et al. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

3.1.4. Sem nome do autor

O PENSAMENTO vivo de Nietzsche. São Paulo: Martin Claret, 1991.

3.2. Dissertação / Tese

CAMARGO, E. S. *Olhando a mulher como Ele olhou: em busca de uma pastoral da mulher excluída a partir do ministério de Jesus no evangelho de Lucas*. Londrina, 2001. 88 p. (Dissertação de Mestrado em Teologia Prática – Faculdade Teológica Sul Americana).

3.3. Autor corporativo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Programa de Pós-Graduação em Educação / PPGE-UFES. *Avaliação educacional: necessidades e tendências*. Vitória, PGE/UFES, 1984.

3.4. Quando o autor do capítulo citado é também organizador ou editor da obra

LIMA, L. O. “Ativação dos processos didáticos na escola secundária”. In: _____. *A escola secundária moderna: organização, métodos e processos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

3.5. Quando o autor do capítulo citado não é o editor ou organizador da obra

HORTA, J. S. B. “Planejamento educacional”. In: MENDES, D. T. (Org.). *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

3.6. Artigos de Revistas ou Jornais

- Autor(es) do artigo
- Título do artigo
- Título da revista
- Local da publicação
- Editor
- Indicação do volume
- Indicação do número ou fascículo
- Indicação de página inicial e final do artigo
- Data

3.6.1. Artigo de autoria única

BORTOLETTO, M. C. *O que é ser mãe?* A evolução da condição feminina na maternidade através dos tempos. *Viver Psicologia*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 25-27, out. 1992.

Observação: No caso de mais de um autor, segue-se a mesma regra das referências dos livros.

3.6.2. Artigo não assinado (sem nome de autor)

A ENERGIA dual indígena no mundo dos Aymara (Andes do Peru e Bolívia). *Mensageiro*, Belém, n. 63, p. 35-37, abr./maio/jun., 1990.

3.6.3. Artigo de jornal assinado

DINIZ, L. Leila Diniz, uma mulher solar. Entrevista concedida ao Pasquim. *Almanaque Pasquim*, Rio de Janeiro, n. especial, p. 10-17, jul. 1982.

3.6.4. Artigo de jornal não assinado (sem nome de autor)

MULHERES têm que seguir código rígido. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 caderno, p. 40, 31 jan. 1993.

Observação: A referência de mês é reduzida a apenas três letras e um ponto. O mês de janeiro ficaria sendo jan., o de fevereiro fev. etc., com exceção do mês de maio que se escreve com todas as letras (maio) e sem o ponto (veja o exemplo em artigo não assinado).

3.6.5. *Coleções inteiras*

EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1956.

3.6.6. *Somente uma parte de uma coleção*

FÓRUM EDUCACIONAL. Teorias da aprendizagem. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v.13, n.1/2, fev./maio1989.

Observação: Note que neste caso refere-se ao nome da Revista e por isso deve estar em caixa alta.

3.7. *Outros*

3.7.1. *Decretos-Leis, Portarias etc.*

BRASIL. Decreto 93.935, de 15 de janeiro de 1987. Promulga a convenção sobre conservação dos recursos vivos marinhos antárticos. *Diário Oficial* (da República Federativa do Brasil), Brasília, v. 125, n. 9, p. 793-799, 16 de jan. 1987. Seção 1, pt. 1.

3.7.2. *Pareceres, Resoluções etc.*

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Parecer n. 1.406 de 5 out. 1979. Consulta sobre o plano de aperfeiçoamento médico a cargo do Hospital dos Servidores de São Paulo. Relator: Antônio Paes de Carvalho. *Documenta*, n. 227, p. 217-220, out. 1979.

3.7.3. *Trabalho publicado em anais de congresso e outros eventos*

CHAVES, A. Publicação, reprodução, execução: direitos autorais. In: Congresso Brasileiro de Publicações, 1., São Paulo, 5 a 10 de jul. 1981. *Anais do I Congresso de Publicações*. São Paulo: FEBAP, 1981. p. 11-29.

3.7.4. *Anais de congresso no todo*

SEMINÁRIO DO PROJETO EDUCAÇÃO, 5., 24 out. 1996, Rio de Janeiro. *Anais do V Seminário do Projeto Educação*. Rio de Janeiro: Fórum de Ciência e Cultura-UFRJ, 1996.

3.8. *Obras de Referência*

3.8.1. *Dicionário*

FERREIRA, A. B. H. "Educação". In: _____. *Minidicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

3.8.2. *Anuário*

Matrícula nos cursos de graduação em universidades e estabelecimentos isolados, por áreas de ensino, segundo as universidades da Federação - 1978-80. In: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Anuário estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro, 1982. Seção 2, cap. 17, p. 230: Ensino.

3.8.3. *Textos ou outros materiais citados da Internet*

JOÃO Calvino. <http://geocities.yahoo.com.br/momentoscomjesuss/joao.htm>. Acessado em 07/08/2003.

3.8.4. *Música gravada em CD*

Canção de amor. Caetano Veloso. CD Fina Estampa ao vivo. Faixa 6, n.º 528918-2 Polygram, 1995.

3.8.5. *Material gravado em DVD ou VHS*

CENTRAL do Brasil. Dir. Walter Salles. Manaus: Videolar, s.d. DVD (111 min).

A MISSÃO. Dir. Roland Joffé. Manaus: Videolar, 1986. DVD (125 min).

SETE anos no Tibet. Dir. Jean-Jacques Annaud. Manaus: Videolar, 1997. VHS (134 min).

II. USO DE CITAÇÕES E NOTAS DE RODAPÉ

1. Citações

Um trabalho acadêmico é construído em permanente diálogo com a produção científica e acadêmica de seu campo do saber. Dessa forma, é necessário que as fontes de onde são extraídas as informações sejam identificadas. O objetivo é evitar a apropriação de idéias alheias e também facilitar a outros pesquisadores/as o acesso à bibliografia pesquisada.

A citação de um autor pode se dar de forma indireta ou direta. A citação indireta acontece quando o pensamento de um autor é utilizado *sem que suas palavras sejam citadas*. A citação direta ocorre quando um texto escrito por outra pessoa é transcrito no corpo da monografia (neste caso, deve-se seguir literalmente o texto da outra pessoa).

Se a citação direta de um texto tiver até quatro linhas, deve vir entre aspas e seguir a mesma estética do trabalho, conforme o exemplo abaixo:

A revolta contra Amom teve como protagonista o *povo da terra*, que, tendo assumido o poder estatal no período de Josias, necessitava de um programa político que norteasse suas atividades. "De acordo com a tese que será desenvolvida, a lei deuteronomica desenhou sua forma contra o pano de fundo de uma situação em que o *povo da terra* judeu tomou o poder. A lei deu forma e legitimação a este genuíno domínio popular. O colapso da dominação assíria trouxe possibilidades adicionais para a aplicação das novas idéias políticas" (Crüsemann, 1996, p. 215).

Há duas possibilidades de indicação da fonte da citação. A mais tradicional é a da "nota de rodapé". A mais recente, e prática, é a de utilizar o sistema americano de referênciação *no próprio corpo do trabalho*.

Se a citação direta de um texto alheio ultrapassar quatro linhas, o trecho deverá vir *sem aspas* e ter uma estética especial (não ter parágrafo especial na primeira linha, ter deslocamento esquerdo de 4,0 cm e espaço entre linhas *simples*). Veja o exemplo a seguir:

Não foi o rei, mas Moisés, quem transmitiu a lei israelita, que, em última análise, tinha sua origem em Deus. Se fôssemos perguntar a quem esse "Moisés" representava durante o período monárquico, e quem poderia

falar em seu nome, a única autoridade seria a mosaicamente legitimada alta corte em Jerusalém, que falava em nome de Moisés. Em cada caso, esta corte desempenhava uma parte importante na história da jurisprudência judaíta. Ainda é preciso analisar em que grau podemos ser capazes ou devemos associar os textos legais do Antigo Testamento (Torá) a ela. A composição e função da corte correspondem tão estreitamente à composição da lei israelita, única no Antigo Oriente Próximo, que deveríamos ter de conjecturar ou inventar uma tal instituição se ela já não fosse tão bem atestada nas fontes (Crüsemann, 1996, p. 98).

Note que você deverá citar o(s) autor(es) da seguinte maneira:

- Único autor (Sobrenome, Ano, Página). Ex.: (Peterson, 2004, p. 67). Não coloque o nome do autor em maiúsculo.
- Dois autores (Holland & Henriot, 1994, p. 14).
- Autor com livros publicados no mesmo ano (Peterson, 2004a, p. 67), (Peterson, 2004b, p. 78), (Peterson, 2004c, p.150). As letras a, b, c são para diferenciar os livros publicados devem fazer parte da bibliografia.
- Em caso de *ênfase* é necessário acrescentar a observação dentro dos parênteses. Ex.: (Peterson, 2004, p. 67, *itálico nosso*).

2. Notas de Rodapé

Se você optar pelo sistema de citação no próprio corpo do trabalho, as notas de rodapé só serão utilizadas para explicar, elucidar ou acrescentar informações e devem ser colocadas no final de cada página, em ordem numérica, com um traço acima das mesmas. A numeração das notas de rodapé em cada novo capítulo deverá ter um novo início. A fonte deverá ser Arial, tamanho 10.

Se você optar por fazer as citações do trabalho nas notas de rodapé, então você deverá seguir o seguinte formato: nome do autor em minúsculas, sobrenome em maiúsculas, título da obra em *itálico*, página de onde a idéia ou citação foi retirada.

Veja o exemplo a seguir:

Frank CRÜSEMANN, *A Torá: Teologia e História Social da Lei do Antigo Testamento*, p. 95.

Quando uma obra já citada anteriormente, mas intercalada com a referências a outras obras, deve-se usar a abreviação *op. cit.*:

Frank CRÜSEMANN, *op. cit.*, p. 98.

Se a mesma obra for citada seguidamente, sem que haja a intercalação de qualquer outra referência, deve-se usar a abreviação *ibid.*:

Arnaldo CORTINA, *O príncipe de Maquiavel e seus leitores*, p. 134.

Ibid., p. 135.

Ibid., p. 136.

Se diferentes obras de um mesmo autor são citadas em seguida, usa-se, para o autor, a abreviação *id.*:

Frank CRÜSEMANN, *A Torá: Teologia e História Social da Lei do Antigo Testamento*, p. 95.

Id., *Preservação da liberdade*. O decálogo numa perspectiva histórico-social, p. 55.

III. MONOGRAFIA

O tema deste capítulo é a monografia. As normas aqui apresentadas valem para as monografias entregues como requisito de disciplinas e também para as apresentadas ao final do curso de graduação (TCC – Trabalho de Conclusão de Curso).

A monografia é o trabalho mais requisitado nos cursos universitários. Trata-se de uma dissertação resultante de uma pesquisa, mais comumente de caráter bibliográfico, na qual o estudante deve demonstrar habilidade para ler, interpretar e comparar o pensamento de diferentes autores. Uma característica fundamental das monografias é que elas devem ter um único tema (a palavra deriva do grego “mono” = um) – ou seja, as diferentes divisões de uma monografia devem, todas, contribuir para a unidade temática da mesma. Assim sendo, a escolha e delimitação do tema é uma das decisões mais importantes para o estudante no preparo da monografia. No decorrer de um curso superior não é exigido do aluno/a que produza teses originais, mas que tenha capacidade de ler criticamente textos e que saiba escrever com clareza acerca do que leu.

Normalment se estrutura a monografia de forma simples: introdução, desenvolvimento e conclusão. Abaixo segue uma descrição breve de cada tópico.

A *introdução* é a parte inicial do trabalho e cumpre quatro funções: 1) falar sobre como se deu a aproximação do autor/a do objeto de pesquisa; 2) tecer algumas considerações sobre a natureza do fenômeno/objeto pesquisado; 3) oferecer espaço para esclarecimentos quanto à delimitação (temática, espacial, temporal, teórica ...) do assunto abordado e 4) apresentar de forma breve o que se pretende desenvolver no corpo do trabalho.

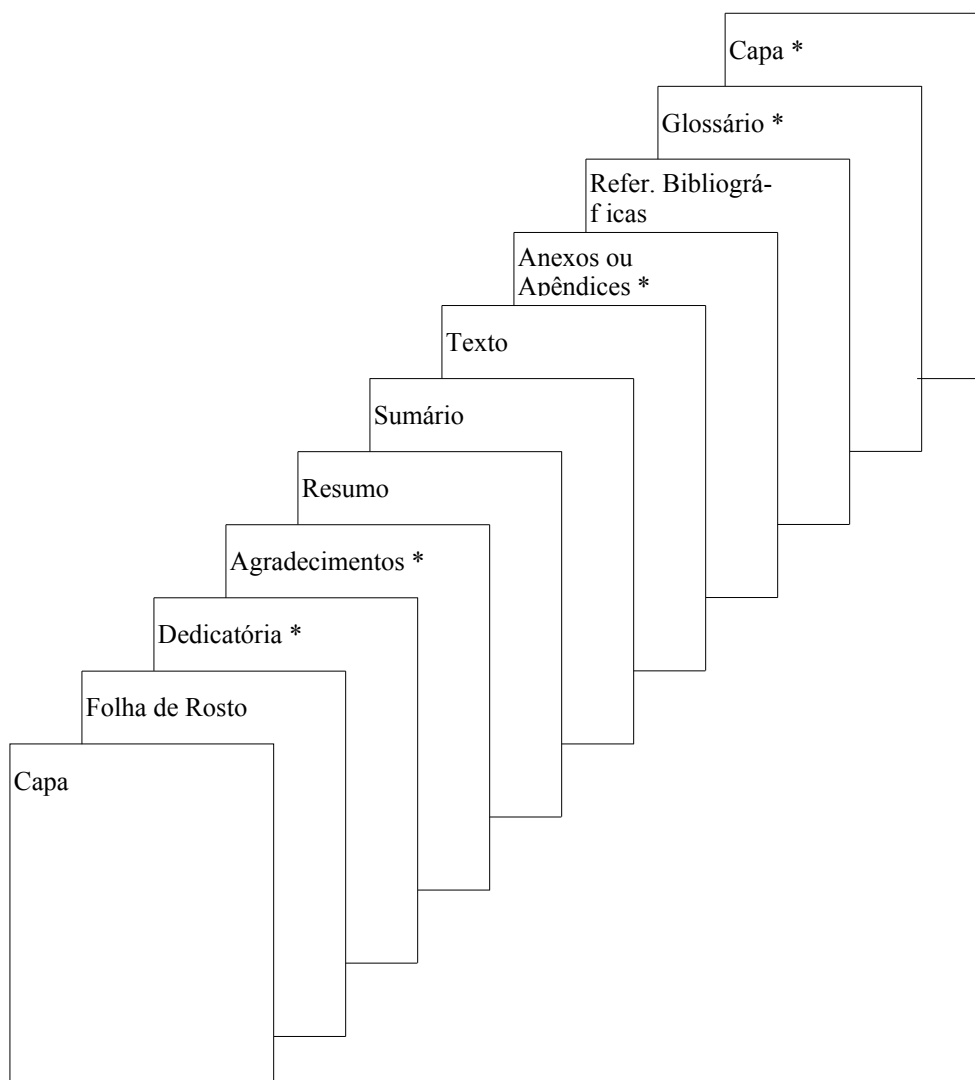
A introdução é sucedida pelo *desenvolvimento*, que é a dissertação propriamente dita (dissertar é escrever sobre um tema com argumentação consistente). A grande seção “desenvolvimento” deve ser subdividida em capítulos e subcapítulos. Cada capítulo aborda um aspecto do temada monografia e pode ser subdividido em seções menores, também agrupadas tematicamente. É de bom tom que os capítulos tenham aproximadamente o mesmo tamanho.

A última seção da monografia é a *conclusão*. Na conclusão é esperado que o estudante: 1) faça uma síntese do desenvolvimento do tema; 2) ressalte os aspectos mais importantes do trabalho; 3) sugira aplicações práticas da temática estudada; e 4) indique novas pesquisas que poderiam ser realizadas a partir de lacunas e limites existentes no presente trabalho.

1. Formato da Monografia

- Capa
- Folha de rosto
- Dedicatória (*)
- Agradecimentos (*)
- Resumo
- Sumário
- Texto: introdução; desenvolvimento; conclusões e recomendações
- Anexos ou apêndices (*)
- Referências bibliográficas
- Glossário (*)
- Capa (*)

(*) Elementos opcionais.



IV. PROJETO DE PESQUISA (INICIAÇÃO CIENTÍFICA)

Em cursos de graduação não se espera que o estudante desenvolva projetos de pesquisa propriamente ditos – atividade acadêmica típica da pós-graduação. Entretanto, como parte do processo de aprendizado e preparação para futuros estudos, bons cursos de graduação oferecem aos estudantes a oportunidade de participar de projetos de pesquisa de docentes, mediante o que se convencionou chamar de *iniciação científica*. Mediante a participação em projetos de iniciação científica, coordenados por docentes da escola, estudantes poderão desenvolver as habilidades fundamentais para a realização da pesquisa em nível acadêmico-científico, preparando-se, assim, para futuros estudos formais de pós-graduação.

1. Que é pesquisar?

Na linguagem cotidiana, pesquisar pode significar apenas “fazer um trabalho escolar”, ou seja, procurar textos que possam ser juntados, copiados e colocados sob um título dado pela professora ou professor. Mais recentemente, também se usa o verbo “pesquisar” como sinônimo de “fazer uma busca” na internet, por exemplo. Esses dois usos indicam uma noção não-científica ou não-acadêmica da pesquisa. No estudo acadêmico, inclusive no estudo da teologia, “pesquisar” tem um significado bem mais específico do que esses usos mais populares (ou “escolares”) do termo.

Pesquisar, academicamente falando, significa *resolver problemas relativos a um objeto, ou tema, mediante procedimento cientificamente estabelecido*. Detalhemos esta definição, de trás para frente:

(1) Por “procedimento cientificamente estabelecido” se entende o seguinte conjunto de atributos: (a) uma teoria científica que visa explicar aspectos delimitados da realidade; (b) uma metodologia de trabalho coerente com a teoria explicativa; (c) o exame detalhado do objeto de estudo – a partir da teoria e da metodologia – com vistas a estabelecer um problema ou problemas que possam ser cientificamente resolvidos; (d) a formulação de hipóteses (soluções prévias, preliminares) para solução dos problemas estabelecidos; (e) apresentação de evidências e argumentos que dêem validade às hipóteses formuladas para a resolução dos problemas;

(2) Por “objeto, ou tema” se entende um recorte da realidade feito mediante o “procedimento cientificamente estabelecido”. Ou seja, quando alguém começa a “pesquisar”, já tem um certo *objeto* (ou tema, na terminologia mais corriqueira) que, normalmente, é construído

a partir da experiência, ou do contexto de quem pesquisa. Essa primeira intuição a respeito do objeto precisará ser transformada em uma definição científica do *objeto*. Por exemplo, alguém poderá se interessar pelo tema “crescimento da igreja”, mas deverá perceber que esse “tema” ainda não é um *objeto* ou *tema* científico, próprio para uma pesquisa. Para que esse tema se transforme em *objeto*, é necessário que a pessoa interessada (a) o defina a partir de uma teoria do crescimento da igreja e sua metodologia correspondente, que implica em delimitar com a maior especificidade possível o *objeto*; (b) que o objeto seja descrito na sua abrangência mais adequada, dentro da delimitação proposta, de forma que todos os ângulos relevantes do objeto sejam percebidos: ângulos geográfico, político, cultural, religioso, histórico, tecnológico, etc. - de modo tal que problemas possam ser estabelecidos. Em outras palavras, para que você formule um problema acadêmico é necessário que você conheça suficientemente bem a(s) disciplina(s) científica dentro da qual esse tema deverá ser estudado;

(3) Por “resolver problemas” entende-se a seleção, dentre os vários ângulos da descrição do objeto, a partir da teoria e método escolhidos, de aspectos, dificuldades, limites ou possibilidades do objeto, que possam ser resolvidos com a ajuda da teoria e do método escolhidos. Os problemas estabelecidos deverão receber *hipóteses* correspondentes – ou seja, para cada problema, pelo menos uma hipótese, coerente com o problema, a teoria e o método. Hipótese é uma possível solução para o problema, que será confirmada, ou não, após a conclusão da pesquisa.

Um problema pode ser considerado cientificamente resolvido quando, após a pesquisa, formos capazes de reformular nossas crenças (idéias, conceitos, opiniões) sobre o objeto, de modo que (a) expliquemos de forma convincente a nossa proposta de solução do problema – isto é, que mostremos quais são os argumentos e evidências que justificam nossa proposta; (b) nossa ação para resolver o problema seja mais efetiva e adequada; e (c) a comunidade acadêmica reconheça que nossa proposta de solução represente, de fato, um *avanço* em nosso conjunto de conhecimentos sobre o objeto estudado, dentro dos limites e possibilidades da teoria e metodologia propostas.

No caso da pesquisa teológica, a tradição acadêmica optou por organizar a área de estudos em quatro grandes sub-áreas: Teologia Sistemática; Teologia Bíblica; Teologia Histórica e Teologia Prática.

A sub-área da Teologia *Sistemática* desenvolveu-se como uma reflexão sistemática sobre as doutrinas da fé cristã, formulada em diálogo com a Filosofia e outras ciências humanas,

visando a elaboração de grandes compêndios sistemáticos, coerentemente organizados e abrangendo todo o universo do saber teológico. Atualmente, questiona-se a possibilidade de formular sistemas completos e fechados, mas mantém-se a área *sistemática* como a área mais teórica da tradição acadêmica teológica. Possui várias vertentes de pesquisa: estudo de doutrinas ou dogmas, formulação de conceitos teológicos, estudos da relação entre teologia e outras ciências, etc.

A sub-área da Teologia *Histórica* sempre foi vista como área *auxiliar*, a serviço da construção dos grandes sistemas teológicos ou doutrinários, embora tal perspectiva esteja sendo desafiada mais recentemente. Nos inícios da pesquisa teológica acadêmica, seu parceiro privilegiado de diálogo era a história da filosofia, e visava uma ordenação cronológica e temática progressiva do saber teológico – no meio acadêmico – permitindo, assim, a distinção entre *verdades* teológicas racionais e *crenças* religiosas. Atualmente, a sub-área é mais abrangente, e inclui distintas vertentes de pesquisa, ligadas tanto à história das igrejas, quanto à história do pensamento cristão.

A sub-área da Teologia *Bíblica* é comparativamente mais recente do que as duas acima, mas no século XX passou a ser exercida com grande autonomia e a disputar com a Sistemática o papel de rainha das disciplinas teológicas. Esta sub-área também tem suas subdivisões, tais como a exegese, a introdução à Bíblia (em sentido lato, incluindo geografia, arqueologia e história dos tempos bíblicos), e a teologia bíblica propriamente dita.

A sub-área da Teologia *Prática* tradicionalmente ocupava o último lugar em termos de importância no campo da teologia acadêmica. Foi, quase sempre, exercida como uma aplicação da teologia sistemática (ou, mais recentemente, da bíblica), derivando daquela as suas temáticas e metodologias – ou seja, era quase que uma tecnologia teológica. Nos últimos cinquenta anos a situação mudou, e a Teologia Prática passa a disputar espaço com as demais disciplinas teológicas e se constituir autonomamente, desenvolvendo sua metodologia e objetivos específicos. Também possui diversas vertentes de pesquisa: missiologia, teologia do ministério, homilética, etc.

Isto nos mostra que, ao pensarmos em uma *pesquisa teológica*, a primeira grande definição (ou recorte disciplinar) que temos de fazer é a da sub-área em que nossa pesquisa se encaixa. A partir dessa definição, poderemos escolher a teoria e a metodologia que irão nos ajudar a formular os problemas e hipóteses da pesquisa. Se pensamos na resolução dos problemas, a validade de nossa proposta deverá ser testada a partir dos tipos de argumento e

evidências aceitos como padrão para cada sub-área da ciência teológica e suas vertentes específicas. Por fim, esta primeira grande definição também nos ajudará a estabelecer os parâmetros da “revisão da literatura” que deve ser feita para a elaboração do projeto de pesquisa.

Na prática, isto quer dizer que, para você poder formular um projeto de pesquisa, *antes* deverá conhecer o mais amplamente possível a *sub-área* da teologia na qual se insere o seu tema, de modo que você possa transformá-lo em *objeto* de pesquisa, *problematizá-lo* e formular *hipóteses* para a solução dos problemas estabelecidos, dentro dos padrões de evidência e argumentação apropriados à sub-área escolhida.

Uma última questão me parece importante: a pesquisa teológica, em qualquer das suas sub-áreas, é, por natureza, multi-disciplinar. As diversas vertentes da pesquisa teológica, todas, têm em comum o fato de que envolvem sempre mais de uma área do saber, o que lhes confere uma dose elevada de *complexidade* (complexo é o oposto de *simples*, que só tem um ponto de vista. Uma realidade complexa possui várias dimensões, pode ser analisada sob vários pontos de vista). Isto exige muito cuidado da parte de quem pesquisa, para que não se torne um impedimento à pesquisa, impedimento causado pelo excesso de dados, teorias, argumentos e evidências a serem trazidos para a resolução do problema.

A seguir, você encontrará uma descrição específica do “Projeto de Pesquisa” que deverá formular para a escola, de modo que possa participar da iniciação científica.

2. O “projeto de iniciação científica”

Tendo em vista que a iniciação científica é o passo inicial para o aprendizado da pesquisa, os projetos de iniciação devem atender aos requisitos definidos por docentes da escola em seus próprios projetos de pesquisa. Assim, as definições mais técnicas – referencial teórico, temática geral, cronograma, etc. - já são dadas pelo projeto de pesquisa docente. À luz desse projeto já existente, caberá ao estudante interessado na iniciação científica:

2.1. Escolher o tema

O objetivo de escolher um tema para a pesquisa implica em ser restrito (específico) o suficiente para ser bem feito e ao mesmo tempo amplo (geral) para ser significativo. Esse tema deve estar subordinado ao tema do projeto de pesquisa docente.

Dois conjuntos de fatores interferem na escolha de um tema:

2.1.1. Fatores Internos

- Afinidade em relação a um tema ou alto grau de interesse pessoal
- Tempo disponível para a realização do trabalho de pesquisa
- Os limites e as habilidades do pesquisador/a em relação ao tema pretendido (habilidades pessoais)
- Relação com seu ministério pessoal

2.1.2. Fatores Externos

- A relevância do tema escolhido, sua novidade, sua oportunidade e seus valores acadêmicos e sociais
- O limite de tempo disponível para a conclusão do trabalho
- Material de consulta e dados necessários ao pesquisador/a
- Recursos financeiros

Resumindo, leve em consideração:

- Assunto
- Geografia
- Tempo requerido
- Dados estatísticos
- Fontes disponíveis

- Habilidades pessoais e pré-conhecimento pessoal sobre o assunto
- Acesso às fontes primárias e secundárias (arquivos, entrevistas, bibliotecas, etc)

5. A Estrutura do Projeto de Pesquisa em Iniciação Científica

O Projeto de Pesquisa *deve* ter a seguinte estrutura:

1. Contexto
2. Propósito
3. Problemas e hipóteses
4. Perguntas da pesquisa
5. Delimitação do objeto
6. Relevância
7. Bibliografia preliminar

Vejamos cada item em particular.

5.1. Contexto

A descrição do contexto do estudo proporciona uma *justificativa* para o estudo e também a perspectiva para entender de onde surge o tema. O contexto demonstra a realidade a qual o estudo leva em consideração.

Na descrição do contexto você deve indicar sua história de vida e como este tema surge em decorrência das preocupações e como o tema está relacionado à sua vida e ministério.

5.2. Propósito

O propósito de um projeto de pesquisa endereça o *objetivo* ou a *intenção* do estudo. O propósito proporciona a direção da pesquisa. Ele está relacionado ao problema ou a tese a ser focalizada. A diferença entre o propósito e problema são as variáveis e relacionamentos contidos no problema. O propósito responde a seguinte pergunta, “Por que este estudo deve ser feito?” O propósito indica o resultado geral e o problema, as questões particulares a serem estudadas. A

definição do propósito determina o que o(a) pesquisador(a) quer atingir com a realização do trabalho de pesquisa.

Exemplo: O propósito desta pesquisa é *explicar* as causas do crescimento numérico da igreja messiânica da Sé.

5.3. Problemas e hipóteses

O problema é a mola propulsora, sendo o *foco central da pesquisa*. Definido o tema, elabora-se algumas questões para serem respondidas através de hipóteses, que serão confirmadas ou negadas através do estudo.

Hipótese é sinônimo de suposição. Neste sentido é uma afirmação categórica, que tente responder ao problema levantado no tema escolhido para pesquisa. O trabalho de pesquisa, então, irá confirmar ou negar a hipótese levantada.

5.4. Perguntas da Pesquisa

Todo problema implica em algum tipo de resposta. Por isso, é necessário fazer perguntas para resolver o problema, usando não menos do que três e talvez não mais do que cinco perguntas. Essas perguntas devem ser compreensivas, ou seja, devem cobrir todas as questões levantadas pelo problema. Cada pergunta deve ser exclusiva – não duplicar a outra. Também, cada pergunta deve obter apenas UMA pergunta em cada sentença.

5.5. Delimitação

A delimitação consiste nos limites estabelecidos na pesquisa. Defina o que será incluído e excluído. As delimitações podem ser expressas em forma de tempo, lugar, números etc. Não confunda delimitação com limitação. Delimitação refere-se às “bordas” da pesquisa.

5.6. Relevância

Toda pesquisa deve mostrar sua relevância. Em nosso caso ela deverá ser relevante em três áreas: pessoal-ministerial, comunidade (igreja ou sociedade) e avanço científico.

- *Pessoal-ministerial*: Descreva qual será a relevância da pesquisa para a sua vida e ministério. Como a pesquisa irá contribuir para o seu crescimento pessoal e ministerial.
- *Comunitária*: Descreva qual será a relevância da pesquisa para a igreja ou sociedade. Como a pesquisa contribuirá para a missão da igreja em seu contexto. Se for algo que vise a sociedade em geral, qual será a sua contribuição.
- *Acadêmica*: Descreva qual será a relevância da pesquisa para o avanço científico. Você pretende apresentar uma nova teoria, nova práxis? Como a pesquisa contribuirá para o avanço da missiologia, da pastoral, antropologia etc.

5.7. Bibliografia preliminar

Antes de elaborar um projeto de pesquisa, é necessário fazer o levantamento da literatura já existente sobre o tema a ser analisado. Consiste na localização e obtenção de documentos para avaliar a disponibilidade de material que subsidiará o tema do trabalho de pesquisa. Esse levantamento é realizado junto às bibliotecas ou serviços de informações existentes (internet, jornais, arquivos e outras fontes).

Determine com antecedência que bibliotecas, agências governamentais ou particulares, instituições, indivíduos ou acervos deverão ser procurados.

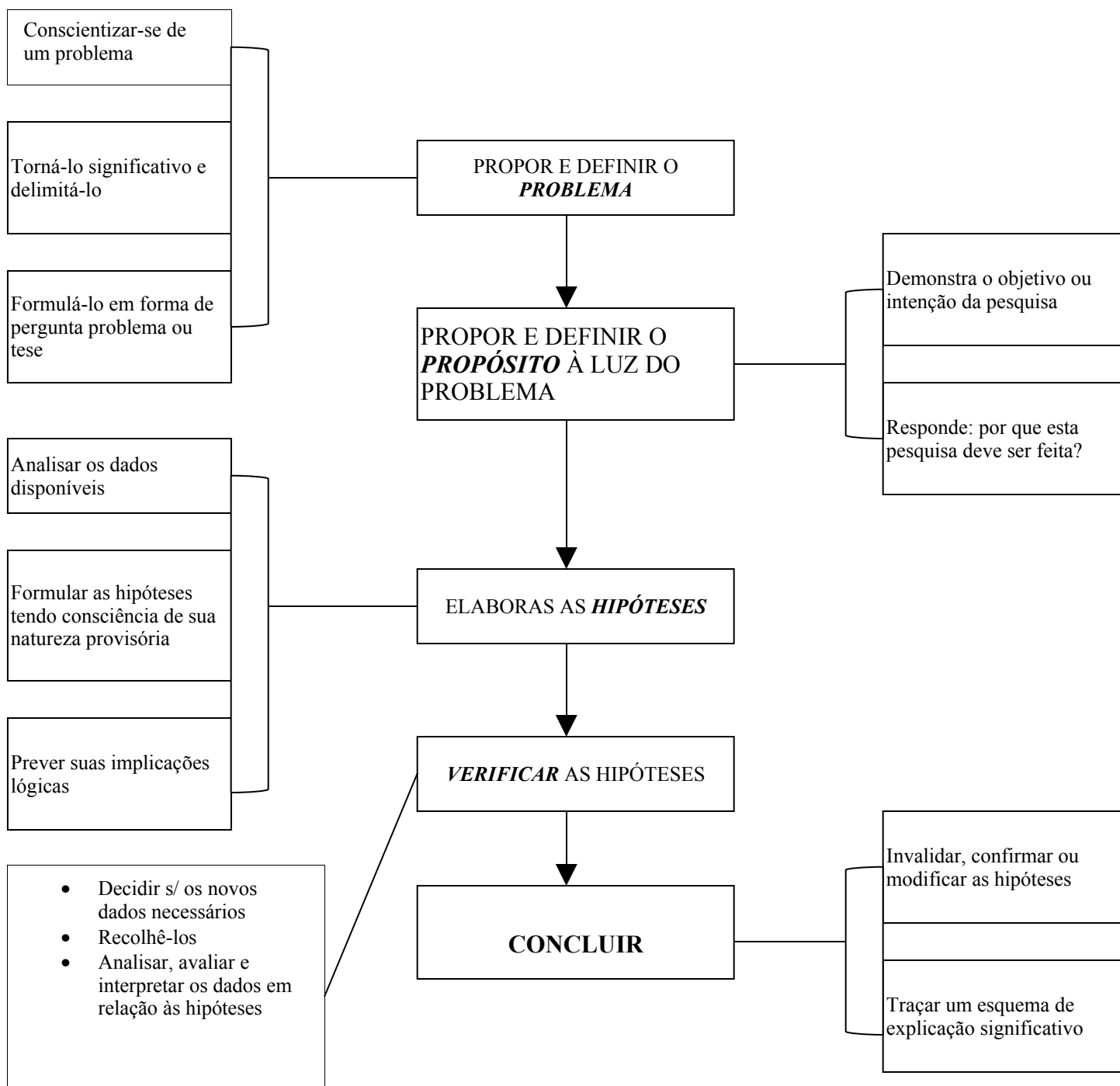
Esteja preparado para copiar os documentos, seja através de xerox, fotografias ou outro meio qualquer.

Separe os documentos recolhidos de acordo com os critérios de sua pesquisa. O levantamento de literatura pode ser determinado em dois níveis:

- Nível geral do tema a ser tratado. Relação de todas as obras ou documentos sobre o assunto.
- Nível específico a ser tratado. Relação somente das obras ou documentos que contenham dados referentes à especificidade do tema a ser tratado.

Nota: As questões mais técnicas do referencial teórico e metodologia a ser adotada na pesquisa devem ser definidas pelo docente orientador, uma vez que já constam do projeto de pesquisa ao qual estará subordinado o projeto de iniciação científica.

PROCESSO DA PESQUISA



ANEXOS

Aqui você encontrará os *modelos* que servirão de apoio e visualização do seu trabalho. Os anexos podem ser encontrados na seguinte ordem:

Anexo 1: Modelo de *Capa*

Anexo 2: Modelo de *Folha de Rosto*

Anexo 3: Modelo de *Dedicatória*

Anexo 4: Modelo de *Agradecimento*

Anexo 5: Modelo de *Resumo*

Anexo 6: Modelo de *Sumário*

Anexo 7: Modelo de Tabelas, Figuras e Mapas

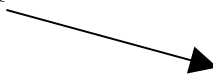
Anexo 8: Modelo de Capítulo, Títulos e Subtítulos

Anexo 9: Modelo de *Resenha*

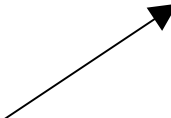
Anexo 10: Modelo de *Glossário*

Anexo 1: Modelo de *Capa*

ANTONIO JOAQUIM DOS SANTOS

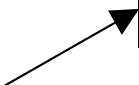


Não use negrito



Use negrito

A CRISTOLOGIA DE JUAN LUIS SEGUNDO



Não use negrito

São Paulo
2007

Anexo 2: Modelo de *Folha de Rosto*

ANTONIO JOAQUIM DOS SANTOS

→ Não use negrito

→ Use negrito

A CRISTOLOGIA DE JUAN LUIS SEGUNDO

6 cm

←————→
Monografia apresentada em cumprimento às exigências da disciplina de Teologia Sistemática II do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade de Teologia Metodista Livre, ministrada pelo prof. Dionísio da Silva.

→ Não use negrito

São Paulo
2007

Anexo 3: Modelo de *Dedicatória*



8 cm

DEDICATÓRIA



3 cm

Ao Prof. Antonio Joaquim Silva,

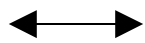


2 cm

Por sua orientação segura e estimulante. Que Deus lhe conceda sempre mais graça e discernimento.

Anexo 4: *Modelo de Agradecimento*

AGRADECIMENTOS



3 cm

A Deus, que me conduziu até aqui em sua graça e favor.

À Faculdade de Teologia Metodista Livre por seu ministério educacional.

Ao prof. Antonio Joaquim Silva por ter sido um exemplo para minha vida.



2 cm

Anexo 5: Modelo de *Resumo*

RESUMO

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Adoração e Solidariedade. A Reorganização Econômica de Judá*. São Leopoldo, IEPG, 1995.

O movimento deuteronômico, composto por uma coalizão de diferentes grupos sociais de Judá, a partir da segunda metade do séc. VIII a.C., apresentou em sua legislação uma proposta de reorganização econômica de Judá, baseada em sua nova concepção da vontade de Javé. O cumprimento da vontade de Javé exigia que não houvessem empobrecidos na sociedade judaíta. A fim de corrigir as distorções econômicas produzidas historicamente com o advento da monarquia, estabelece condições para a subordinação da economia ao ciclo sabático da bênção divina. Cria uma nova lógica para a organização econômica da sociedade: a lógica da solidariedade, fundamentada na adoração a Javé, o Deus solidário com os(as) empobrecidos(as) e margina-lizados(as).

Orientador: Nelsn Kilpp

Anexo 6: Modelo de *Sumário***SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO.....	5
I.O ESTUDO DO DEUTERONÔMIO NO BRASIL	6
1. A pesquisa sobre o Deuteronômio no Brasil.....	7
2. A datação do Deuteronômio	9
3. A autoria do Deuteronômio	11
II. O CÓDIGO DEUTERONÔMICO.....	14
1. Estrutura e temática	15
2. As leis econômicas	22
III. A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DE JUDÁ.....	28
1. A justiça social sabática	29
2. O culto a Deus promove a justiça social	33
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS CITADAS.....	42

Anexo 7: Modelo de Tabelas, Figuras e Mapas

TABELAS, FIGURAS E MAPAS**Para Tabelas**

Tabela 1
Dados Estatísticos e Financeiros

<i>Ano</i>	<i>Cidade</i>	<i>Valor</i>	<i>Observações</i>
1998	São Paulo	21.034,98	
1999	Londrina	12.985,90	Verificar dados
2000	Recife	18.645,21	
2001	Vitória	15.843,21	

Nota: O título da Tabela deve ser colocado na *parte superior* da mesma deixando um espaço entre o título e a tabela, como no exemplo acima.

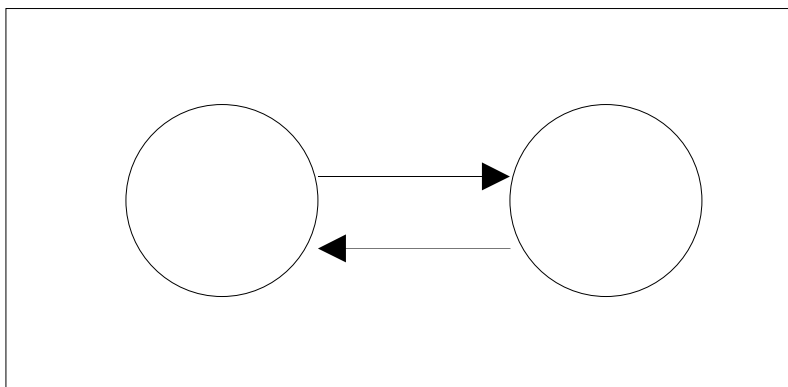
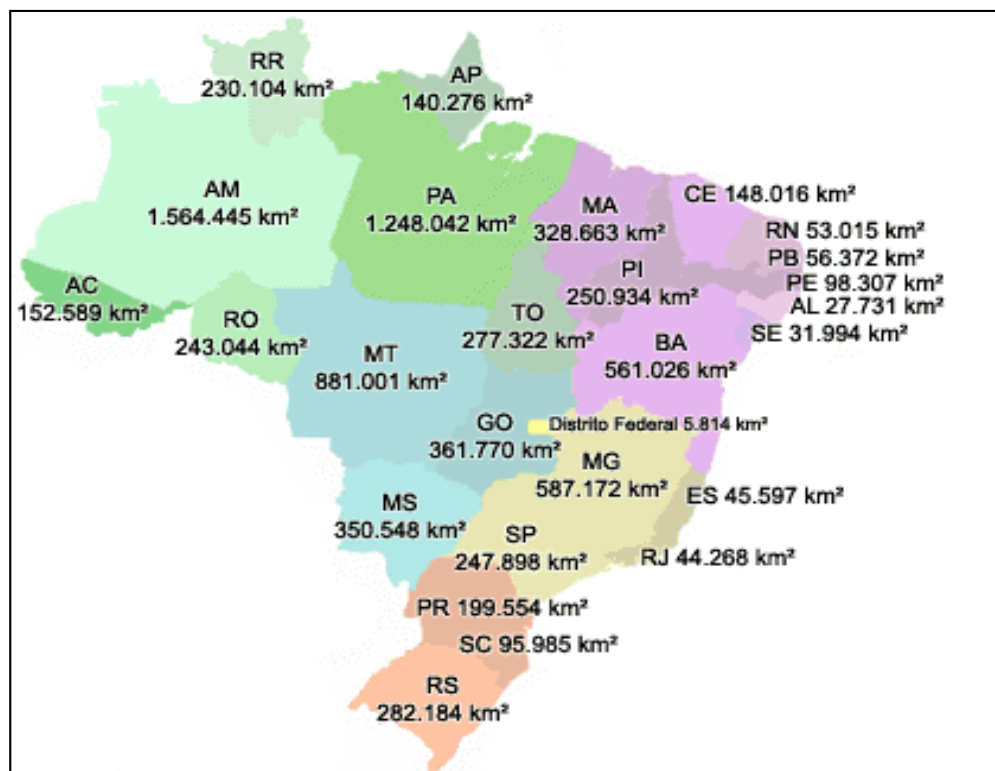
Para Figuras

Figura 1
Horizontes Hermenêuticos

Nota: O título da Figura deve ser colocado na *parte inferior* da mesma deixando um espaço entre o título e a tabela, como no exemplo acima.

Para Mapas



Mapa 1
Áreas dos Estados Brasileiros

Nota: O título do Mapa deve ser colocado na *parte inferior* do mesmo deixando 1 espaço entre a o título e o mapa, como no exemplo acima.

Observações Gerais

- A seqüência das Tabelas, Figuras e Mapas são progressivas, ou seja, em ordem crescente – 1, 2, 3, 4, etc. Ao mudar de capítulo você deve manter a ordem progressiva. Exemplo: se no Capítulo I sua última Tabela era 4, havendo Tabela no Capítulo 2 ou subsequente, a mesma deverá ser Tabela 5. Assim também se dá com as Figuras e Mapas.
- As Tabelas, Figuras e Mapas devem estar sempre no centro do texto.
- Não use maiúsculas, itálico ou negrito para os títulos das Tabelas, Figuras e Mapas.

Anexo 8: Modelo de *Capítulo, Títulos e Subtítulos*

III - CONSIDERAÇÕES SÓCIO-CRÍTICAS

À luz da exegese do bloco legal de Dt 14,22-15,23, passaremos à interpretação do projeto de reorganização econômica de Judá, expressão da nova mentalidade proposta pelo movimento deuterônômico. Cabe uma palavra de explicação a respeito da organização da dissertação a partir deste ponto. Tendo em vista a facilidade de exposição, dividimos a interpretação sócio-histórica do texto em duas seções. Nesta, apresentamos o projeto de reorganização econômica de Judá presente no texto estudado - na linguagem da teoria da ação comunicativa, o projeto de reorganização do *sistema* social de Judá conforme percebido pelo movimento deuterônômico.

1. A presença imperialista assíria em Judá

A análise exegética de Deuteronômio 14,22-15,23 não apresentou qualquer evidência que exigisse a rejeição da hipótese, mais comumente aceita nos círculos críticos, da datação do Código Deuterônômico no período geral da presença assíria em Israel e Judá. A comparação das leis deste bloco com as leis do Código da Aliança indica que o texto sob estudo é posterior àquele Código - que tem sido datado desde o séc. X a.C. até o séc. VIII a.C. Os dados proporcionados pelo texto estudado, bem como as evidências sugeridas pelo código e sua moldura, como um todo, apontam para o sétimo século a.C. como a época de sua redação.

1.1. O Império assírio na Palestina

O Império Neo-Assírio faz sentir sua presença na Palestina no VIII século a.C. Os países ao norte da Palestina, especialmente Síria, Fenícia e Israel sofrem o maior impacto da presença assíria na região. O rei Tiglat-Pileser III (745-727 a.C.), que assumiu o trono em uma revolta em Calah, visava a expansão do império até o Egito. Antes de empreender suas marchas conquistadoras, porém, efetuou uma reforma administrativa na Assíria, alterando a relação de forças entre o rei e os governadores locais. Feito isto, passou a se ocupar da política externa, começando pela conquista da região araméia.

Anexo 9: Modelo de *Resenha*

Nome: _____

Curso: _____ Data: ___/___/_____ Disciplina: _____

1. Referência bibliográfica

Fazer a referência bibliográfica completa da obra resenhada de acordo com o manual da faculdade; é recomendável, no caso de resenhas, colocar aqui somente a referência da obra que foi analisada.

2. Apresentação do/a autor/a da obra

Apresenta-se um autor falando dos principais fatos relacionados à sua vida: local e ocasião de nascimento, formação acadêmica, pessoas que exerceram influência teórica sobre sua obra, fatos que teriam marcado sua vida e, conseqüentemente, sua forma de pensar.

3. Perspectiva teórica da obra

Toda obra escrita pertence a uma determinada perspectiva teórica; é muito importante saber a que tradição/escola teórica pertence o/a autor/a da obra que se está analisando, pois isso permite compreender a forma como está organizada, bem como a lógica da argumentação utilizada; quando se reconhece a perspectiva teórica do/a autor/a, sabe-se o que se pode esperar da obra que será analisada.

4. Breve síntese da obra

Antes de começar a análise de uma obra é muito importante procurar ter uma visão panorâmica desta; isto pode ajudar a visualizar o começo, o meio e o fim da obra, permitindo saber de onde parte e para onde vai o/ autor/a na sua argumentação; esta parte da resenha (somente esta!) pode ser feita na forma de um esquema.

5. Principais teses desenvolvidas na obra

Depois de tudo preparado se pode analisar o conteúdo da obra de forma propriamente dita; o objetivo é traçar as principais teses do/a autor/a e não resumir a sua obra (resenha não é resumo!); é preciso ler com muita atenção para se apreender o que é fundamental no pensamento do/a autor/a.

6. Reflexão crítica sobre obra e implicações para o ministério

Depois de apresentar e compreender o/a autor/a e sua obra deve-se traçar alguns comentários pessoais sobre o assunto, ancorados em argumentos fundamentados academicamente. Além disso, exige-se que o aluno aplique os principais temas da obra integrando-os ao seu contexto ministerial. Isso corresponde a 50% de seu trabalho.

Anexo 10: Modelo de *Glossário***GLOSSÁRIO**

← 3 cm Agradecimento: É a manifestação de gratidão do autor da pesquisa às pessoas que colaboraram no seu trabalho. Deve ser curto e objetivo. → 2 cm

Amostra: É uma parcela significativa do universo pesquisado ou de coleta de dados.

Análise: É o trabalho de avaliação dos dados recolhidos. Sem ela não há relatório de pesquisa.

Anexo: É uma parte opcional de um relatório de pesquisa. Nele deve constar o material que contribui para melhor esclarecer o texto do relatório de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubens Azevedo. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- AZEVEDO, Israel Belo de. *O prazer da produção científica: diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos*. Piracicaba: UNIMEP, 1992.
- BARROS, A. J. S. & LEHFELD, N. A. S. *Fundamentos de Metodologia Científica: um guia para a iniciação científica*. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BUZZI, Arcangelo. *Introdução ao pensar*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CASTRO, Cláudio de Moura. *A prática da pesquisa*. São Paulo: Mc Graw - Hill do Brasil, 1978.
- CERVO, Amado Luiz e BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica: para uso de estudantes universitários*. 3ª. ed. São Paulo: Mc Graw - Hill, 1996
- DUSILEK, Darci. *A arte da investigação criadora: Introdução à metodologia da pesquisa*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- FERRARI, Afonso Trujillo. *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1982.
- GALLIANO, A. Guilherme. *O método científico: teoria e prática*. São Paulo: Harbra, 1986.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisas*. 3a. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências*
- KERLINGER, F. *Metodologia da pesquisa em Ciências Sociais: um tratamento conceitual*. São Paulo: EPU/EDUSA, 1980.
- KÖCHE, J. C. *Fundamentos de Metodologia Científica*. Teoria da ciência e prática da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. & SIMAN, L. M. *A construção do saber*. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte & Porto Alegre: Editora da UFMG & Artmed, 1999.
- LIBÂNIO, João Batista. *Introdução à vida intelectual*. São Paulo: Loyola, 2001.
- LUNA, Sérgio Vasconcelos de. *Planejamento de pesquisa: uma introdução - elementos para uma análise metodológica*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- OLIVA, Alfredo dos Santos & BARRO Jorge Henrique. *Manual de Metodologia da FTSA*. Londrina: FTSA, 2003.
- RUDIO, Franz Vitor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1996.
- SALVADOR, Angelo D. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 1990.
- SCALETISKY, Eduardo Carnos & OLIVEIRA, Ana Lúcia Valença de Santa Cruz. *Iniciando na pesquisa: manual para elaboração de projetos de iniciação científica*. Seropédica: EDUR, 1997.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000.
- VERA, Armando Asti. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre: Globo, 1976.